
FICÇÃO HISTÓRICA: UM OLHAR SOBRE *O MESTRE DAS ILUMINURAS*, DE BRENDA RICKMAN VANTREASE

Rebeca Pinheiro Queluz¹
Célia Arns de Miranda²

Período de recebimento dos textos: 01/02/2014 a 30/03/2014.

Data de aceite: 30/04/2014.

Resumo: Este artigo pretende analisar o romance *O mestre das Iluminuras*, de Brenda R. Vantrease como uma obra de ficção que dialoga com o passado histórico. Para isso, foi feita uma breve apresentação da autora e de suas obras. Também foram tratadas algumas questões desse romance, como a construção da narrativa, os personagens, os protagonistas, o narrador, o cenário. Após essa discussão, foram levantadas as principais questões históricas da obra: como as entidades imigrantes foram abordadas pela ficcionista, como se realizou a encenação do passado e, finalmente, como se elaborou o entrelaçamento do plano ficcional com o plano histórico. Nosso trabalho dialoga com os pressupostos teóricos de Marilene Weinhardt, Walter Mignolo, Frederic Jameson, Perry Anderson. Concluímos que ao problematizar questões de cunho religioso, Vantrease parece indicar possibilidades de espiritualidade, mudanças sociais na Inglaterra e uma tendência religiosa que está se constituindo. Não é por acaso que sua história inicia pouco após o Cisma do Ocidente e culmina na insurreição popular na Inglaterra.

Palavras-chave: Ficção histórica. *O mestre das iluminuras*. Século XIV. Inglaterra.

Abstract: This article aims to analyze the novel *The illuminator*, by Brenda R. Vantrease as a work of fiction that dialogues with the historical past. For this, we briefly presented the author and her works. We also addressed some issues of this novel, such as the plot, the characters, the protagonists, the narrator, and the setting. Afterwards, we surveyed the major historical issues of the work: how the immigrant entities were approached by the author, how the staging of the past was held in this novel, and finally, how the interweaving of the fictional plan with the historical background was produced. Our work uses the theoretical assumptions of authors such as Marilene Weinhardt, Walter Mignolo, Frederic Jameson, and Perry Anderson. We conclude that by problematizing questions of a religious nature, Vantrease seems to indicate possibilities of spirituality, social change in England, and a religious trend that is forming. It is no coincidence that his story begins shortly after the Schism and culminates in the popular uprising in England.

Keywords: Historical fiction. *The illuminator*. 14th century. England.

1Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestranda em Estudos Literários.

2Universidade Federal do Paraná (UFPR). Doutora em Língua Inglesa e Literaturas Inglesa e Norte-Americana pela Universidade de São Paulo (USP).

O objetivo deste artigo é analisar o romance *O mestre das Iluminuras*, de Brenda Rickman Vantrease, como uma obra de ficção que dialoga com o passado histórico³. Assim, foi feita uma breve apresentação da autora e de suas obras. Em seguida, foram tratadas algumas questões do romance analisado, como a construção da narrativa, os personagens, os protagonistas, o narrador, o cenário. Após essa discussão, foram levantadas as principais questões históricas da obra: como as entidades imigrantes⁴ foram abordadas pela ficcionista, como se realizou a encenação do passado, enfim, como se elaborou o entrelaçamento do plano ficcional com o plano histórico. Para a discussão do modo como se deu essa reconstrução, levou-se em conta a afirmação de Walter Mignolo (1993) de que o romance é regido pela convenção de ficcionalidade, enquanto o conhecimento histórico tem por base a convenção da veracidade. Além disso, tomou-se por base a asserção de que ficção histórica é um

texto ficcional em que a historicidade é determinante para o enredo, ou seja, a obra em que a inscrição dos fatos narrados em um determinado tempo passado é decisiva para que eles tenham ocorrido como tal e, de modo explícito ou não, o texto dialoga com

³Seria interessante pensar esse nicho de mercado, que vem crescendo ao longo dos últimos anos. Por exemplo, ao pesquisar romances em língua inglesa publicados entre 2000 e 2013 que se passam no período medieval (final do século XIII e séculos XIV e XV), foram encontrados mais de duzentos títulos (Disponível em: <<http://www.historicalnovels.info/Fourteenth-Fifteenth-Centuries.html>>. Acesso em: 18 ago. 2013.). A partir de um projeto de pesquisa, Shuan Tyas apresentou em seu artigo “Historical Novels and Medieval Lives” que computara 5092 romances históricos medievais em língua inglesa. O artigo foi publicado em *Recording Medieval Lives: Proceedings of the 2005 Harlaxton Symposium* (Disponível em: <<http://medievalnews.blogspot.com.br/2010/01/over-5000-medieval-historical-novels.html>>. Acesso em: 18 ago. 2013.).

⁴Em “Lógica das diferenças e Política das semelhanças- da literatura que parece história ou antropologia, e vice-versa”, Walter Mignolo apresenta a distinção feita por Parson entre entidades nativas e entidades imigrantes, em que as primeiras seriam personagens cuja existência só se dá num romance e as últimas seriam personagens que mudam de um mundo onde as reconhecemos como entidades existentes (aceitávamos sua existência antes que fosse escrito o romance) para um mundo ficcional (nós o aceitamos no romance como personagem de ficção e pessoa histórica, ao mesmo tempo). (MIGNOLO, 1993, p. 125)

o discurso histórico, ou melhor com discursos históricos. (WEINHARDT, 2006, p.137)

Brenda Rickman Vantrease (1945), de Nashville, Tennessee (EUA), é ex-professora de inglês e bibliotecária. Formada em inglês pelo Belmont College, fez seu mestrado e doutorado na universidade de Middle Tennessee State. Hoje está aposentada e se dedica a estudar e a escrever. Seu primeiro romance, *The Illuminator* (O Mestre das Iluminuras – amor, traição, arte e religião no século XIV), publicado em 2004, foi traduzido para quatorze línguas, tornando-se um best-seller. Em 2007 a autora lançou uma continuação, ainda sem tradução para o português, intitulada *The Mercy Seller*⁵. O terceiro livro da saga e último romance da autora, *The Heretic's Wife*⁶, também não traduzido para o português, foi publicado em 2010.

O tecido narrativo de *O Mestre das Iluminuras* se passa na Inglaterra do final do século XIV, época de opressão política, social e espiritual, mas também de fissuras na velha ordem feudal e no poder absoluto da Igreja. Assoladas pela peste e pelas guerras, as pessoas eram oprimidas pelos sucessivos impostos do rei e pelos dízimos da Igreja. O acesso direto à palavra de Deus era negado à população e a tradução da Bíblia para o inglês era considerada uma heresia. Disponíveis apenas para a nobreza e o clero, os livros eram escritos somente em latim ou em francês normando, copiados à mão e

⁵*The Mercy Seller* se desenvolve no século XV, com a onda crescente de intolerância religiosa se espalhando por toda a Europa. Anna Bookman e seu avô Finn moram em Praga e fazem iluminuras em livros raros e em traduções proibidas da Bíblia. As autoridades começam a queimar livros e a assassinar os hereges e a partir disso Finn encoraja a neta a procurar refúgio na Inglaterra, sendo a história o desenrolar da jornada de Anna até a Inglaterra.

⁶*The Heretic's Wife* ocorre na Inglaterra Tudor (século XVI), sob o reinado de Henrique VIII. Kate Gough, protagonista da história e descendente da linhagem de Finn, vende livros e traduções proibidas da Bíblia junto com seu irmão, John. Sua aventura tem lugar em meio aos ingleses católicos que se opõem à Reforma Luterana e a crescente impaciência de Henrique VIII com a recusa do papa de sancionar seu casamento com Ana Bolena.

decorados com iluminuras. Nesse cenário, JonhWycliffe, teólogo e professor da Universidade de Oxford, mostra-se contrário à situação e inicia uma tradução das Escrituras para a língua inglesa. A partir disso, Vantrease cria personagens como Finn, mestre de iluminuras que é convidado a decorar as páginas do Evangelho de São João para a Abadia de Broomholm e presta serviços em sigilo para Wycliffe.

Viúvo e pai de uma jovem moça chamada Rose, Finn só aceita o trabalho sob a condição de conseguir uma hospedagem onde possa apreciar a companhia da filha. Então, os dois são instalados na casa senhorial de Blackingham, propriedade de Lady Kathryn, uma viúva em dificuldades financeiras que aceita recebê-los, a contragosto, para conseguir a proteção do abade e preservar a herança de seus filhos. No meio do caminho para Blackingham, o iluminador salva o anão, Meio-Tom, que matou uma porca do bispo para salvar uma criança. Se Finn não tivesse assumido a responsabilidade pela morte do animal, Meio-Tom poderia ter sido enforcado. Mais tarde, o anão será o mensageiro que levará as correspondências de Finn a Wycliffe e vice-versa. Finn e Meio-Tom levam o bebê a Julian de Norwich, uma anacoreta, que tenta salvá-la. A partir desse momento, o iluminador inicia uma amizade com a mística.

Na casa de Lady Kathryn, Finn e Rose conhecem Alfred e Colin, filhos da viúva. Em determinado momento da narrativa, Rose terá um bebê de Colin. Finn e Lady Kathryn desenvolvem um relacionamento amoroso e tudo vai bem até ela descobrir que a falecida esposa de Finn, Rebekka, era judia. Enquanto isso, o xerife Guy de Fontaigne está investigando o assassinato do padre Ignatius, responsável por recolher dinheiro para a Igreja, e aparece na casa de Kathryn com uma pista. Kathryn, temerosa de que Alfred fosse o

culpado, trai Finn, apontando-o como culpado. O mestre das iluminuras é preso e fica à mercê do bispo Henry Despenser. Este faz um acordo com Finn, prometendo que Rose estaria a salvo se ele pintasse painéis que representassem a Crucificação, a Ressurreição e a Ascensão de Cristo para a sua catedral. Rose morre no parto e Kathryn responsabiliza-se pelo bem-estar da neta, Jasmine. Colin, culpado por ter desvirginado Rose, sai em busca de redenção para se tornar um religioso. Só descobre que possui uma filha e que sua amada faleceu após voltar para a casa. Os camponeses começam a se revoltar contra os impostos do rei e ateiam fogo em casas senhoriais e em locais religiosos. Há um tumulto na prisão, Finn consegue se libertar e sai à procura de Jasmine. Ao chegar em Blackingham encontra Lady Kathryn quase sem vida e a leva ao Priorado de Saint Faith. A priora lhe confirma que Kathryn sucumbiu à morte. Finn encontra sua neta a salvo com Meio-Tom e Magda. Pelo epílogo descobre-se que Kathryn sobrevivera e que ela passaria o resto de seus dias junto com Agnes (cozinheira que trabalhava para a casa senhorial de Blackingham, serva e amiga de Lady Kathryn) em Saint Faith.

A narrativa termina com uma cena parecida com a do começo: Meio-Tom encontra Finn numa estrada perto de Norwich, e entrega-lhe uma criança frágil que precisa de auxílio e de proteção. A diferença é que este bebê está bem cuidado e faz parte de sua família, ao contrário da criança severamente ferida que não sobreviveu. Finn dirige-se a Yarmouth em busca de um futuro melhor para os dois. Ao leitor cabe imaginar quais serão as experiências a serem vividas pela próxima geração, como será a continuidade.

O Mestre das Iluminuras contém 32 capítulos, além do prólogo e do epílogo, com epígrafes que variam do século VIII ao XV. Estão ligadas às

personagens⁷ ou a um determinado acontecimento⁸, oferecendo de antemão ao leitor pistas sobre o capítulo (por exemplo, que personagem será enfatizada naquele momento). As epígrafes foram retiradas de trechos de livros, poemas, manuscritos ou orações, por exemplo, de John Wycliffe, Christine de Pisan, Ailred de Rievaulx, Abade Johannes Trithemus, Ancrene Riwe, Geoffrey Chaucer, William Langland, Julian de Norwich, entre outros. No livro também são narradas as histórias de personagens como as do casal que trabalha na casa senhorial de Blackingham, Agnes e John; Magda, criada de Lady Kathryn e o ceifeiro mor de Blackingham, Simpson.

As personagens do romance são descritas fisicamente, mas se destacam principalmente por suas características psicológicas e por suas ações. Magda, por exemplo, era chamada de simplória e idiota pelo pai; a cozinheira, no começo, também pensava que ela era “meio idiota”, apesar de “talvez até haver uma espécie de inteligência por trás dos olhos abaixados” (VANTREASE, 2006, p.27). A menina fica encarregada de ajudar Agnes e, ao longo da história, perde a timidez, é prestativa e desempenha um papel importante ao esconder a neta de Finn quando a casa senhorial estava sendo atacada pelos camponeses. Magda também consegue se comunicar com as abelhas e enxerga a cor da alma das pessoas. Sua simplicidade aparece através de seus pensamentos, o modo como custa a memorizar nomes e as tarefas a serem realizadas, planos a serem seguidos, entre outros.

⁷Um exemplo seria o capítulo 5, que destaca a figura da anacoreta e que tem como epígrafe: “Em seu altar, que baste a representação de Nosso Salvador suspenso na Cruz: esta lhe vai trazer à mente a Sua Paixão, que deve ser imitada, Seus braços abertos serão um convite para que você O abrace e Seu peito nu vai alimentá-lo com o leite da doçura que consola – Ailred de Rievaulx, Regras para a vida de um recluso (1160)” (VANTREASE, 2006, p.61).

⁸No capítulo 11, em que há a missa fúnebre e o enterro de John, tem-se um exemplo de epígrafe que se relaciona ao acontecimento: “Dirige, ó Senhor meu Deus, meus passos à Vossa vista- Canto Fúnebre do Ofício dos Mortos” (Ibid, p.143).

Pode-se argumentar que o personagem principal é o mestre das iluminuras, Finn, personagem que dá nome ao título da obra. Entretanto, quem mais aparece na história é Lady Kathryn (presente em 21 capítulos contra 15 de Finn). Como senhora de Blackingham, tem que cuidar de sua propriedade e de suas terras, herança de Alfred e de Colin. Uma de suas obrigações é supervisionar o trabalho do ceifeiro mor, Simpson, responsável pela colheita e venda do algodão. Além disso, precisa lidar o tempo todo com pessoas da Igreja, como o padre Ignatius e o irmão Joseph que querem saber se ela é leal e fiel ao catolicismo, cobrando dela materialmente e através da hospedagem do mestre de iluminuras e de sua filha. Após a prisão de Finn, Kathryn cuida de Rose e, mais tarde, de Jasmine. Responsabiliza-se pelo imposto de alguns de seus criados e lhes paga salários, além de oferecer um banquete e gratificação após a temporada da colheita. A viúva obriga-se, ainda, a manter relações amigáveis e cordiais com o xerife, Guy de Fontaigne, que pode tirar Finn do encarceramento e que está de olho em suas terras.

Por outro lado, Finn é o fio condutor da história, na medida em que ele trabalha não só para a Abadia de Broomholm, como também para JonhWycliffe, ao decorar as páginas de suas traduções em inglês e ao resolver fazer cópias das mesmas para ajudá-lo. Além disso, faz iluminuras nos textos que Julian de Norwich escreve. Através de Meio-Tom ele pode se comunicar com Julian e com Wycliffe da prisão, enquanto realiza um trabalho para Henry Despenser. Seu ofício é descrito em várias passagens da história, por meio da materialidade das iluminuras. Enfatizam-se os materiais de trabalho e as técnicas utilizadas:

Inegavelmente havia ordem ali: pequenos potes de tinta enfileirados como sentinelas no fundo da escrivaninha; pincéis e

penas, limpos e organizados por tamanho; pilhas de velinos, pautados cuidadosamente com linhas finas para guiar a mão do artista [...] Um último resquício de claridade do norte projetava-se na escrivadinha, destacando as cores vivas de uma página inacabada do texto decorado com iluminuras. In principio erat Verbum. “No princípio era o Verbo”. A haste vertical da primeira letra fora colorida com um verde-mar intenso e primorosamente contornada com uma filigrana de volutas entretecidas em vermelho e dourado. O *I* inclinado abrigava o resto do texto, formando um delicado sacrário para São João, de onde brotavam folhas verdes e ramos de videira que se entrelaçavam e se prolongavam na margem elaborada e tão finamente desenhada que parecia estar viva. Pássaros em miniatura e animais de formas exóticas brincavam em meio aos múltiplos galhos e ramos. As cores saltavam da página [...] Ao seu lado, os dedos compridos de Finn moviam-se rapidamente, desenhando com traços ligeiros e firmes as folhas sinuosas e os elementos entrelaçados que iria pintar na manhã seguinte [...] Na página decorada com iluminuras, linhas e formas saltavam para fora das margens estreitas, os tons escuros mais sombrios, os vivos mais brilhantes, as tramas mais intrincadas, volteando, entrelaçando-se como a mente de uma mulher [...] (VANTREASE, 2006, p. 77, 78, 83, 91)

No trecho acima há uma descrição da organização do local de trabalho de Finn, com destaque para os materiais que o iluminador utiliza para realizar o seu ofício: há na mesa potes de tinta, pincéis e penas. Descreve-se também uma página de um texto decorado com iluminuras, com detalhes de como fora colorida a primeira letra, que desenhos apareciam neste trabalho, que tipos de tons e de cores o artista escolhera.

No que concerne ao narrador da história, este é em terceira pessoa, onisciente. Ele descreve a cena, o que determinada personagem está fazendo e, ao mesmo tempo, revela o que se passa no íntimo dela, misturando-se, por vezes, a suas falas e pensamentos: “*Kathryn, Kathryn, você está procurando confusão*, disse uma vozinha dentro de sua cabeça. Mas seu coração dizia outra coisa inteiramente diversa” (Ibid, p. 90); “Rezou para ter forças para desferir o golpe. Tinha de viver. *Santo Salvador, faça com que minha neta esteja com*

Magda [...]Mais um momento, Kathryn, só mais um momento [...]Mãe Santíssima, guie minha mão” (Ibid, p. 408). Inúmeras vezes, há um tom irônico na narração:

É certo que ali morava o Deus de Henry. Mas não se tratava de nenhum humilde carpinteiro da Galileia. O Deus do bispo era a própria catedral. E, como todos os falsos deuses, exigia sacrifício humano e serviços incessantes. Não o sacrifício de Henry- ainda que, em certos dias, se lhe perguntassem, diria que preferia estar lutando contra os franceses, usando uma cota de malha e um elmo no campo de batalha, em vez da cruz peitoral de ouro com seu Cristo incrustado de rubis -, mas os sacrifícios de um exército de pedreiros e carpinteiros, muitos dos quais morriam antes de terminado o trabalho e eram substituídos por seus filhos, netos e aprendizes” (VANTREASE, 2006, p. 93)

Outro exemplo em que o narrador apresenta seu julgamento ao leitor se dá quando Alfred dirige-se a uma taverna logo após ter colocado um colar de pérolas nos pertences de Finn com o intuito de incriminá-lo por ter descoberto que o mestre de iluminuras e sua mãe eram amantes: “Alfred montou seu cavalo e seguiu direto para o Beggar'sDaughter para comemorar sua patifaria” (Ibid, p. 154, grifo nosso).

Com relação ao cenário, este é composto pela casa senhorial de Blackingham; o Priorado de Carrow, na Igreja de Saint Julian em Norwich, a Abadia de Broomholm; o Priorado de Saint Faith; a Catedral e o Castelo de Norwich, a Prisão do Castelo, a praça do mercado e a feira em Norwich, a Colgate Street, Castle Street, Elm Hill, Aylsham, a Beggar'sDaughter (taberna em Aylsham), Igreja de Saint Michael, Norfolk, Priorado de Blinham, entre outros lugares. A maior parte da ação ocorre na casa de Lady Kathryn e os outros locais aparecem nas viagens de Finn, Colin, Meio-Tom e da própria viúva de Blackingham. Destaca-se o mercado de Norwich, local onde é vendida a lã da casa de Blackingham, onde há muitos comerciantes; lugar em

que Finn e Meio-Tom se encontram, em que o primeiro compra seus materiais de trabalho e o segundo vende seus cestos.

O recorte temporal da narrativa é pequeno e se dá entre 1379 (um ano após o início do Cisma Papal) e 1381 (ano da Revolta Camponesa⁹). A Baixa Idade Média, período histórico em que se desenvolve a trama, é retratada através do cenário, do poder da Igreja, dos senhores feudais, dos camponeses, dos religiosos, entre outros.

Como sugere Frederic Jameson, o romance histórico articula “uma oposição entre um plano público ou histórico (definido seja pelos costumes acontecimentos, crises ou líderes) e um plano existencial ou individual, denotado pela categoria narrativa que denominamos personagens” (JAMESON, 2007, p.185). Ou seja, ele consiste na intersecção desses dois planos que altera de romance para romance.

Já Perry Anderson fala em “uma forma literária que lida com a história, entendida como uma concatenação de acontecimentos públicos no passado” (ANDERSON, 2007, p. 205). O autor¹⁰, ao tratar sobre a obra do crítico marxista György Lukács, *O Romance Histórico*, mostra que em sua forma clássica essa forma literária descreve

⁹Conforme o dicionário da Idade Média organizado por Henry Royston Loyn, a “Grande Revolta” inglesa (1381) é uma das melhores documentadas. “A Peste e as epidemias causaram um declínio de população que afetou as relações entre os camponeses e proprietários rurais. O Regulamento de Trabalhadores revogava as melhorias que vinham sendo obtidas nas condições de trabalho do campesinato, causando indignação, a par das queixas contra um governo incompetente – conselheiros impopulares, gastos excessivos com a guerra, tributos, em especial o novo imposto por cabeça, abusos na cobrança do fisco e na administração de justiça. A ação do governo contra a evasão fiscal redundou em levantes em Essex e em Kent ao final de maio de 1381 e em junho os rebeldes já estavam em Londres. O movimento foi acompanhado por outros no sudeste (East Anglia e os *Home Counties*), com surtos esporádicos em outras localidades, e os artesãos e a pequena nobreza também participaram” (LOYN, 1989, p. 68).

¹⁰Em uma conferência intitulada “Trajetos de uma forma literária”, publicada em março de 2007 no número 77 da “Nova Estudos”, Anderson responde aos argumentos de Frederic Jameson expostos na conferência “O romance histórico ainda é possível?”.

a transformação da vida popular através de um conjunto de tipos humanos característicos, cujas vidas sociais são remodeladas pelo vagalhão das forças sociais. Figuras históricas aparecem entre os personagens, mas seu papel na fábula será oblíquo ou marginal. A narrativa será centrada em personagens de estatura mediana, de pouca distinção, cuja função é oferecer um foco individual à colisão dramática dos extremos entre os quais se situam ou, mais frequentemente, oscilam. (ANDERSON, 2007, p.205-206)

De certa forma, pode-se perceber isso no romance de Vantrease: a autora escolhe como personagens centrais figuras de estatura mediana (Finn já foi um nobre, entretanto por ter se casado com uma judia teve suas posses confiscadas pelo rei; Kathryn é da baixa nobreza, mas enfrenta um período de dificuldades financeiras e luta para pagar seus empregados) e as personagens históricas estão presentes na trama, mas não são o centro da atenção. Destacam-se em determinados momentos algumas ações dessas entidades imigrantes, porém o foco está na vida do mestre das iluminuras e da senhora de Blackingham.

Dito isso, a relação com o passado histórico no romance em questão se dá principalmente a partir da construção das seguintes entidades migrantes: Julian de Norwich, John Wycliffe, John Ball e Henry Despenser. A seguir, serão apresentadas as histórias de vida dessas quatro pessoas e será mostrado como se dá a sua ficcionalização na história de Brenda Vantrease.

Julian de Norwich foi uma das místicas cristãs mais notáveis da Idade Média. Quase tudo o que se sabe de sua vida foi tirado dos relatos que escreveu de suas próprias experiências com visões encontrados no livro “RevelationsofDivine Love” (Revelações do Amor Divino), alguns testamentos e uma passagem do livro “Book ofMargeryKempe”. Nascida entre 1342 e 1343, ela foi uma reclusa que só saía de seu isolamento com o mundo quando ia à Igreja de Saint Julian. Viveu em uma ermida de três quartos do lado de fora

do mosteiro e possuía dois servidores que a atendiam quando atingiu a idade avançada. Beneditina, a anacoreta experimentou dezesseis revelações.

A religiosa viveu até cerca de 1430, numa época em que a Igreja estava dividida pelo cisma que se seguiu após o regresso do Papa de Avignon a Roma e em que as pessoas sofriam as consequências de uma longa guerra¹¹ entre o reino da Inglaterra e o da França. Nas palavras de Josué Soares Flores, Julian de Norwich

viu o assassinato de um rei e um arcebispo, ela viu o tumulto a nível nacional da Rebelião Camponesa (e a supressão dura do movimento - especialmente pelo exército de seu próprio bispo Henrique le Despenser de Norwich). Em sua vida, ela viveu por pelo menos três cercos da epidemia enorme que atingiu a Anglia Oriental e matou mais da metade da população. Ela viu o início do que veio a ser chamado Guerra dos Cem Anos entre a Inglaterra e França. Ela viu a rocha firme do papado desabar em ruínas, em primeiro lugar, o Cativo Babilônico em Avignon, e depois em completo colapso no Grande Cisma, quando, por um tempo, havia três homens que afirmavam ser o verdadeiro Papa. Ela assistiu a degeneração contínua da maioria dos mosteiros e centros de oblação e devoção para o autoengrandecimento dos senhorios da Inglaterra. Ela viu os resultados do colapso moral do movimento franciscano em que tantos na Inglaterra tinham colocado grandes esperanças. E ela viveu durante a ascensão dos primeiros hereges da Inglaterra nas pessoas de João Wycliffe de Oxford e seus seguidores posteriores, os Lollardos. (FLORES, 2013, p. 18)

Com trinta anos e meio, Julian padecia de uma doença grave e teve uma série de visões intensas de Jesus Cristo¹², que terminaram juntamente com

¹¹A Guerra dos Cem Anos, iniciada em 1337 e com término em 1453, com a assinatura de um acordo de paz. Segundo a historiadora Yone de Carvalho, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), ela foi “a última guerra feudal e também a primeira moderna. Ela foi dirigida por membros da aristocracia feudal no início do conflito e terminou como uma disputa entre Estados que já tinham exércitos nacionais (...). Por isso, ela foi um grande marco no desenvolvimento europeu (principalmente na França) da idéia de nação, que unificou países antes divididos em territórios controlados por nobres” (CARVALHO apud NAVARRO, 2002).

¹²Segundo a enciclopédia “Medieval England”, Julian se lembrava de ter rezado, quando jovem, para ter uma doença, preparar-se para a morte e para ter feridas de contrição,

a recuperação de sua doença em maio de 1373. Assim que aconteceram essas visões, ela escreveu o que ficou conhecido como “O texto curto”. Muitos anos depois, a anacoreta escreveu uma meditação teológica sobre o significado de suas visões, conhecida como “O texto longo”. Essas foram a fonte para as “Revelações do Amor Divino”, obra que concluíra em torno de 1393.

Gilberto Ribeiro e Silva, em seu *blog* sobre os maiores místicos da Igreja Católica, afirma que as visões que Julian teve foram seguidas de estado de êxtase, da Paixão de Cristo e da Trindade. O autor aponta que a mística

viu o sangue vermelho fluindo sob a Coroa de Espinhos, viu a Virgem como uma jovem e simples senhora. Viu Jesus mostrando a ela uma castanha na palma de sua mão. Ela pensou: “O que será isso?” e Ele respondeu: “Isto é tudo que é criado. Deus deu forma, Deus deu vida, Deus mantém ela assim.” [...] Para Juliana de Norwich, a maternidade, representa a plenitude de Deus em criar, redimir e chamar o mundo à liberdade. Igualmente, também Jesus Cristo “é a nossa verdadeira Mãe”, que nos nutre e não permite que morramos, porque o amor da mãe é o amor total que não admite derrota. (RIBEIRO E SILVA, 2007)

O papa emérito, Bento XVI, em um discurso que proclamou em dezembro de 2010 sobre Julian de Norwich, destaca a figura da anacoreta e a importância do seu trabalho:

As anacoretas ou "reclusas", no interior da sua cela, *dedicavam-se à oração, meditação e estudo*. Desse modo, amadureciam uma sensibilidade humana e religiosa finíssima, que as tornavam reverenciadas pelo povo. Homens e mulheres de todas as idades e condições, necessitados de conselhos e conforto, procuravam-nas devotamente. Portanto, não era uma escolha individualista; exatamente com essa proximidade ao Senhor, amadurecia nelas também a capacidade de serem conselheiras para muitos, de ajudar

compaixão e desejo de Deus. Junto com sua mãe e seus amigos, acreditava que estava para morrer. De repente, enquanto olhava para um crucifixo, sua saúde melhorou. Em seguida vieram quinze visões, a maior parte delas de Jesus Cristo crucificado. Essas eram interrompidas por ataques do Demônio. Por fim, confirmou-se uma última visão (SZARMACH; TAVORMINA, ROSENTHAL, 1998, p.384).

aqueles que viviam em dificuldade nesta vida. (BENTO XVI, 2010, grifos do autor)

O pontífice ressaltou que Julian não foi a única a fazer tal escolha e um número significativo de mulheres optou por esse modo de vida. Essas pessoas adotaram regras especificamente desenvolvidas para elas, como aquelas compostas por Santo Aelredo de Rievaulx (autor que aparece em uma das epígrafes do livro de Vantrease).

Sobre o amor divino¹³ e a comparação que Julian de Norwich faz com o amor maternal, Bento XVI assevera que:

O tema do amor divino retorna muitas vezes às visões de Juliana de Norwich que, com uma certa audácia, não hesita em compará-lo também ao amor materno. Essa é uma das mensagens mais características de sua teologia mística. *A ternura, a solicitude e a doçura da bondade de Deus por nós são tão grandes que, a nós, peregrinos sobre a terra, evocam o amor de uma mãe por seus filhos. [...] Se nós entregamos a Deus, ao seu imenso amor, os desejos mais puros e mais profundos do nosso coração, nunca seremos desapontados.* "E tudo ficará bem", "tudo será para o bem": eis a mensagem final que **Juliana de Norwich transmite** (BENTO XVI, 2010, grifos do autor)

Em *O Mestre das Iluminuras* Julian de Norwich é uma personagem que se distingue das outras e a quem é dado um espaço relativamente grande na narrativa. Ela é apresentada como alguém que parecia

uma mulher frágil, de cerca de trinta e poucos anos, mas era difícil afirmar com certeza, pois estava envolta em linho cru da cabeça aos pés, seu véu e a touca de freira deixando apenas a face à mostra. Tinha olhos brilhantes e fundos em um rosto que poderia ser considerado tristemente macilento se não fosse a fisionomia

¹³Ultimamente Julian de Norwich tem sido objeto de interesse das feministas, em grande parte por seu conceito de um Deus-Mãe. Seria interessante investigar como essas mulheres percebem e apropriam as ideias de Julian, entretanto, pela extensão do artigo e por uma questão de tempo não pudemos trabalhar com essa questão. Pode-se iniciar a pesquisa pelo *site* "Julian of Norwich- Julian resources", que reúne links de artigos acadêmicos, bem como livros e outros textos, sobre a vida e a época da anacoreta

serena. A voz era baixa e melódica, como o vento brincando em instrumentos de sopro (VANTREASE, 2006, p.19).

Apesar da aparente fragilidade, Julian se revela uma mulher hábil na cura de ferimentos e machucados, além de ser corajosa por receber as traduções de Finn que deveriam ser entregues a Meio-Tom. A complexidade da religiosa transparece em suas reflexões, preces, anseios e preocupações: “A mãe teria noção de quanto Julian lhe invejava aquela pequenina? Até uma criança morta podia viver na lembrança de alguém. Primeiro a inveja, depois a dúvida. Que outros pecados viriam em seguida insinuar-se pelas brechas de sua fé?” (VANTREASE, 2006, p.62); “Seus lábios rezavam em latim: 'Domine IhesuChriste...' Seu coração rezava em inglês: 'Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus vivo, interponde a Vossa Paixão, a Vossa Cruz e a Vossa Morte entre mim e o Vosso Julgamento’” (Ibid, p. 252); “Ela e seu Cristo, seu Amigo, seu Amante, seu Deus Mãe – juntos e a sós enquanto o resto do mundo dormia. Dor pungente. Sublime alegria. Sua mente estava banhada em paz – paz, calor e luz, seu corpo transcendia a si próprio até sua alma ficar livre para tocar a Dele” (Ibid, p.253).

Julian de *O Mestre das Iluminuras* pensa muito nos outros, doa a sua lenha para os pobres, oferece comida aos visitantes, reza pelas pessoas que conhece. Ela é o contraponto de Alice, que vem lhe trazer comida e limpar o lugar em que habita, que faz julgamentos precipitados, dá suas opiniões sobre tudo, fala o que lhe vem à cabeça. Julian, apesar de às vezes não compreender a situação, guarda suas ideias para si e procura saber o que está acontecendo antes de fazer algum julgamento.

Nota-se que a escritora construiu a personagem a partir das reflexões de Julian de Norwich e de sua obra sobre o amor divino. *O Mestre das*

Iluminuras contém inclusive passagens literais do livro escrito pela religiosa. Assim como na descrição de Bento XVI, Julian da narrativa das iluminuras é procurada por homens e mulheres de todas as idades e condições, quando estes precisavam de conforto e de conselhos.

Julian de Norwich é a única figura religiosa apresentada na história de Vantrease com uma visão favorável, alguém que enxerga as pessoas ao seu redor e as ajuda, que não está preocupada com as suas próprias necessidades e bem-estar, e que se dedica integralmente a Cristo. Seus pensamentos, escritos e revelações aparecem muitas vezes na narrativa e mostram a visão de um Deus bondoso, que se preocupa e sofre por seus filhos, um Deus com amor incondicional. Sua célebre frase “Tudo vai ficar bem e todas as coisas vão ficar bem” se repete em várias passagens do texto, mesmo na boca de outros personagens, como Lady Kathryn, quando estava se recuperando das queimaduras e do ataque dos camponeses a sua propriedade.

John Wycliffe(nascido por volta de 1328¹⁴ e falecido em 1384) trabalhou na primeira tradução da Bíblia para o inglês, por acreditar e defender que a Bíblia deveria ser a base de toda a doutrina da Igreja e a única forma da fé cristã. Ele sustentava que as Sagradas Escrituras tinham de ser um bem comum de todos os cristãos e estar disponíveis para o uso cotidiano, na língua nativa das populações.

Professor da Universidade de Oxford, teólogo e reformador religioso inglês do século XIV, foi um dos pensadores mais representativos da Europa pré-luterana. Contrariando a vontade do papa, sua tradução provocou mudanças na história do aprendizado e na propagação da religião cristã, a partir

¹⁴Conforme a testamento de Albert C. Baugh em “Literary History of England: The Middle Ages” (1967, p. 269).

de então feita pelo grupo (considerado herético) dos lolardos¹⁵ ou clérigos pobres.

Wycliffe questionava a autoridade do papa e do clero e se destacou por defender a devolução dos bens eclesiásticos ao poder temporal encarnado pelo soberano, o que lhe rendeu a reputação de patriota e reformista. Advertia as pessoas sobre a incompatibilidade entre inúmeras normas do clero e os ensinamentos de Jesus, difundindo a ideia de que havia um enorme contraste entre o que a Igreja era e o que deveria ser, defendendo, deste modo, reformas.

Segundo Jorge Weber, Wycliffe apresentava-se também “pela composição de um catecismo, e pela refutação de muitos estatutos ou determinações da Igreja, como a confissão auricular, o celibato, a transubstanciação, etc” (WEBER, 1882, p.250). O autor afirma que o mais importante partidário de Wycliffe era João Huss, professor em Praga. Huss em seus escritos e sermões acusava os abusos do papado, as riquezas e o poder mundano do clero, a degeneração das ordens monásticas, entre outros. Estes foram condenados pelo arcebispo em 1409 e a propagação de teses consideradas heréticas foi proibida, sob ameaça da pena de morte.

Por contestar a hierarquia eclesiástica e defender a pobreza dos sacerdotes, Wycliffe organizou grupos de padres que divulgavam os ensinamentos de Cristo ao povo. Estes pregadores itinerantes, conhecidos como lolardos, agrupados dois a dois, foram semear as palavras do Evangelho pelo interior da Inglaterra.

¹⁵De acordo com o dicionário da Idade Média organizado por Henry Royston Loyn (1989, p. 240), o termo 'lolardo' deriva de um termo baixo alemão que significa “murmurador” ou “resmungão”. Lolardo foi o nome aplicado aos adversários da ordem estabelecida no seio da Igreja inglesa em fins do século XV e que confessavam prosélitos de Wycliffe. Nos anos iniciais do reinado de Henrique IV, o governo desencadeou uma ação violenta contra eles, apoiado nos termos do estatuto *De Heretica Comburendo* (1400)

Devido a suas crenças e às ideias que rapidamente se difundiam, o rei Ricardo II considerou que os lolardos haviam contribuído com a Revolta Camponesa de 1381. Assim, ordenou a expulsão de Wycliffe e de seus seguidores de Oxford e proibiu a citação de seus ensinamentos em sermões e discussões acadêmicas, sob pena de prisão aos infratores. Wycliffe escapou da prisão devido a seu prestígio junto ao povo e aos intelectuais que ele conhecia em Oxford. Passado algum tempo depois desse episódio, o teólogo se retirou para a paróquia de Lutterworth, em Leicestershire, local onde faleceu aos 64 anos em dezembro de 1384¹⁶.

Sobre a influência dos escritos de Wycliffe, Oscar Correia afirma que ela foi significativa em outros movimentos reformistas, destacando-se o da Boêmia. O autor salienta que para frear esses movimentos,

a Igreja convocou o Concílio de Constança (1414 – 1418). Um decreto deste Concílio (expedido em 4 de maio de 1415) declarou Wycliffe como herético, recomendou que todos os seus escritos fossem queimados e ordenou que seus restos mortais fossem exumados e queimados, o que foi cumprido 12 anos mais tarde pelo Papa Martinho V. Suas cinzas foram jogadas no rio Swift, que banha Lutterworth. (CORREIA, 2011)

Em *O Mestre das Iluminuras*, a figura de John Wycliffe aparece no prólogo, nas epígrafes de quatro capítulos, na conversa de Finn com o bispo, de Dispenser com a anacoreta, de Colin com Kathryn. As passagens a seguir exemplificam o modo como ele é inserido na narrativa:

John Wycliffe e os clérigos renegados como John Ball andam pelo país arengando, instigando os camponeses contra Deus e contra o

¹⁶Para mais informações a respeito de John Wycliffe, ver: WILSON, J. L. **John Wycliffe: Patriot and reformer, “The morning star of the reformation”**. Disponível em: <http://lollardsociety.org/pdfs/Wilson_WycliffePatriotReformer.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2013; WEBER, Jorge. **História universal: Idade Média**. Lisboa: Empresa Literária, v. 2, p.248-250, 1888.

rei e alegando que todo parvo, todo rústico e todo aldeão da cristandade pode ser seu próprio padre. Esse é um tipo diabólico de liberdade. A ignorância deles pode mandá-los todos para o inferno!. 'Enquanto isso, os bispos os mantêm escravizados aos dois demônios gêmeos: o ritual e a superstição. Como tais coisas podem beneficiar a alma dos homens?' retorquiu Finn. 'Eles são ovelhas que devem seguir um pastor, não foi o que disse Nosso Senhor? Sorriu Despenser [...] Apoia John Wycliffe, que envia seus pregadores lollardos resmungões para o interior do país com seus panfletos *ingleses* para arengar contra os bispos e padres e fazer falsas acusações de corrupção e apostasia. Agitando a ralé com doutrinas mentirosas, ideias falsas de igualdade. Ele também escreve em inglês. Anacoreta, espero que não tenha sido influenciada por ele. O que ele prega são heresias. E os heréticos não serão tolerados! [...]Wycliffe só pretende espalhar a verdade sobre os abusos dos padres e ressaltar a necessidade de todo homem ser capaz de ler o Livro Sagrado em sua própria língua [...] *Posto que a Bíblia encerra o Cristo, é tudo que se precisa para a salvação; é necessária a todos os homens, não só aos padres* (John Wycliffe). (Ibid, p.195, 256, 305, 380)

Em outras palavras, John Wycliffe de Brenda Vantrease está presente na narrativa principalmente através dos comentários dos outros personagens. Ele é mostrado sob inúmeros prismas: aos olhos do bispo Despenser, representante da Igreja, era considerado herege, mentiroso, difusor de ideias falsas. Para Colin e para Finn, Wycliffe estava lutando contra os abusos da Igreja e a favor da difusão das palavras do Evangelho a todos os homens.

Wycliffe não está no centro da ação e não é protagonista, mas sua vida está ligada a de Finn, que fazia iluminuras em seus textos e o ajudava a reproduzir a tradução inglesa do Evangelho de São João para que mais pessoas pudessem ter acesso à palavra divina. Essa personagem obtém destaque no prólogo: naquele momento a personagem reflete sobre a tirania dos padres, bispos e arcebispos e sobre o fato de John de Gaunt, Duque de Lancaster, estar financiando sua missão. Nessa mesma parte Wycliffe conversa com Joan, a menina que realizava a limpeza e a faxina do seu ambiente de trabalho e que

Ihe mostra uma relíquia sagrada de Santa Ana que obtivera de um padre por meio xelim. Wycliffe, ao examinar a relíquia, revela à Joan que se trata apenas da cartilagem de um porco o que, em outras palavras, significa que o padre lhe roubara. Então, ele lhe dirige a palavra:

Escute aqui filha. Você não precisa da relíquia de uma santa. Você não precisa de um padre. *Você mesma* pode rezar por sua mãe. *Você* pode confessar seus pecados *diretamente* a Deus. *Você* pode rezar por sua mãe em nome do Senhor. Nosso Pai do Céu vai ouvi-la se seu coração for puro” (VANTREASE, 2006, p. 11).

A figura do teólogo e tradutor criada pela ficcionista condiz com a imagem que se tem de Wycliffe no plano histórico, pois se preocupa com as questões sociais, revela sua indignação com a postura de padres e outros sacerdotes em ostentar e abusar de seus poderes, luta para que outras pessoas além do clero possam ter acesso ao texto sagrado e se associa ao lolardos.

John Ball nasceu em Saint Albans em Hertfordshire por volta de 1329¹⁷ e se mudou para Colchester durante a Peste Negra, tornando-se um padre na Igreja de Saint James. Tornou-se famoso como pregador, divulgando e esclarecendo as doutrinas de John Wycliffe, insistindo sobretudo nos princípios de igualdade social. Suas pregações lhe renderam problemas com o bispo de Canterbury e por três vezes o padre lolardo foi preso.

Acredita-se que John Ball tenha sido excomungado por volta de 1366 por causa de seus sermões inflamados em prol de uma sociedade sem divisão de classes. Tornou-se um padre itinerante (por ter perdido seu posto na Igreja de Saint James) que dava seus sermões nas igrejas próximas. Uma de suas prisões foi ordenada pelo bispo de Norwich, e depois da sua soltura, Ball foi

¹⁷De acordo com a referênciutilizada no site “Shakespeareandhistory.com”: PRESCOTT, A. ‘Ball, John’, **Oxford Dictionary of National Biography**, Oxford University Press, Sept 2004.

para Essex para Kent. Ao descobrir que John Ball continuava pregando suas ideias, o bispo de Canterbury o proibiu de falar nas igrejas. A solução de Ball foi fazer seus discursos nos vilarejos, ao ar livre. Apesar dessas medidas a sua popularidade não diminuiu, e suas palavras tiveram um importante papel na insurreição camponesa de 1381.

Naquele momento John Ball estava encarcerado na Prisão de Maidstone, todavia foi resgatado pelos rebeldes da insurreição. O padre lollardo instigou os camponeses a assassinar os principais lordes do reino e as pessoas mais poderosas, e estava entre os rebeldes que haviam se dirigido à Torre de Londres atrás de Simon de Sudbury, o bispo de Canterbury. Quando o movimento dos rebeldes se dispersou, John Ball tentou fugir para o campo, mas foi aprisionado e após executado na presença de Ricardo II em 15 de julho de 1381 em Saint Albans.

Na narrativa de *O Mestre das Iluminuras*, a personagem de John Ball surge no momento em que Colin está longe de casa, com a trupe de artistas ambulantes. Enquanto os outros membros do grupo estão ocupados com as mais diversas atividades, Colin está sentado do lado de fora de uma carroça e observa um sujeito falando sozinho no meio da chuva. A construção da personagem de Vantrease se dá principalmente por meio das observações e descrições do filho de Kathryn:

O padre louco - era como Colin em seu íntimo chamava John Ball – estava plantado no meio da chuva, os braços erguidos para o céu, água escorrendo-lhe pelo rosto, aparentemente alheio o fato de não haver ninguém ali para ouvi-lo [...] Colin via-o com frequência, era só um dos padres lollardos- embora fosse mais fanático do que a maioria – que acorriam para espalhar sua doutrina inortodoxa onde quer que houvesse uma multidão. Enquanto a maioria deles permanecia sem identidade, John Ball era memorável tanto por seu ardor como por sua aparência. Era um homem truncado vestido com um hábito pobre de monge, muito dado a gestos grotescos e

retórica inflamada ao vociferar igualmente contra a Igreja e a nobreza pela ganância e pela exploração dos pobres. Desdenhava a Ordem Divina das classes e pregava ideias radicais de igualdade, que não mais pareciam a Colin tão radicais quanto antes. (VANTREASE, 2006, p. 290-291)

Nessa passagem, por exemplo, destaca-se o fanatismo de John Ball, sua crença na igualdade entre os homens, sua aparência e vestimenta e o ardor com que discursava. Ao longo do texto Colin aponta outros ensinamentos do padre: como as pessoas deveriam abrir os olhos para os abusos de padres e bispos que escravizam os pobres por meio de sua ignorância; como abusam e roubam dos mesmos para manterem seus cofres com prata e abadias com ouro; como Deus ama a todos igualmente- não foi Ele quem estabeleceu as ordens sociais. Esse discurso inflamado convence Colin e ele se torna uma espécie de lolardo. Por outro lado, Colin discorda da ideia que Jonh Ball dissemina entre os camponeses e pequenos proprietários rurais reunidos MouseholdHeath que deveriam matar todos os padres apóstatas para expurgar a Igreja do pecado.

Henry Despenser ficou conhecido com o “Bispo Guerreiro”, pelo modo sanguinário e violento como reprimiu a Revolta Camponesa e pela malsucedida campanha militar contra o Papa Clemente VII, durante o Grande Cisma do Ocidente.

Por ser o filho mais novo de uma família nobre, Despenser estava destinado a uma carreira religiosa. Entretanto, antes de estudar direito civil em Oxford, recebeu um treinamento como cavaleiro. Aos onze anos tornou-se Canon de Llandaff e recebeu inúmeros benefícios eclesiásticos. Ele foi ordenado padre pouco antes de ser consagrado bispo em agosto de 1370. Ele permaneceu bispo de Norwich até sua morte em 1406¹⁸.

¹⁸Essas e outras informações biográficas de Despenser encontram-se no *site* da Catedral de Norwich: [http://www.cathedral.org.uk/historyheritage/historical-characters-linked-in-people-s-](http://www.cathedral.org.uk/historyheritage/historical-characters-linked-in-people-s)

Despenser também é lembrado por sua doação de um retábulo de cinco painéis, o *DespenserRetable*¹⁹ (o Retábulo de Despenser), à Catedral de Norwich, em comemoração a seu triunfo na Revolta Camponesa. O bispo determinou que o retábulo fosse emoldurado com os escudos das armas das famílias que o apoiaram durante a insurreição popular. Sabe-se que durante a Reforma o retábulo foi virado para baixo e utilizado como mesa para que os reformadores não o descobrissem. Assim, ficou esquecido por mais de quatrocentos anos. Infelizmente, o nome do pintor se perdeu na história.

Em *O Mestre das Iluminuras*, Vantrease utiliza a figura de Henry Despenser para revelar o lado mais deteriorado da Igreja Católica:

O Concílio de Londres chegara a emitir um decreto criticando os religiosos que usavam roupas 'mais apropriadas a fidalgos do que a clérigos'. Reclamara do costume de frequentarem os ricos negociantes de roupas de Colgate Street – onde o próprio Henry comprava suas excelentes camisas de cambraia – e exibirem-se como 'pavões'. O bispo, entretanto, não estava disposto a renunciar seu legítimo direito de ostentação [...] A Virgem aprova – assegurara a Constance, na primeira vez em que ela, relutante, entregara-se a ele. Segurava o queixo dela com sua mão direita, obrigando-a a encará-lo. - 'Oferecendo-se a um servo de Deus, você se oferece a Deus' (Ibid, p.95-96).

Nessa narrativa Despenser mantém Finn aprisionado e ordena que o mesmo pinte painéis (com cenas da Crucificação, Ascensão e Ressurreição de Cristo) para engrandecer a Catedral de Norwich e ostentar o poder da Igreja Católica. Enquanto mantém Finn enclausurado serve-se de sua companhia para disputar partidas de xadrez e para discutir religião. Está presente em vários

minds-eg-dame-julian--sir-thomas-erpingham--edith-cavell-and-2.aspx . Acesso em: 26 ago. 2013.

¹⁹Atualmente o retábulo pode ser visto na Capela de Saint Luke, na Catedral de Norwich. Também é possível obter o acesso às pinturas através do *site* da Catedral de Norwich: <http://www.cathedral.org.uk/historyheritage/art---collections-art-treasures-and-despenser-retable.aspx>. Acesso em: 26 ago. 2013.

momentos da narrativa: quando manda Sir Guy investigar o assassinato do padre Ignatius; quando Finn estava retornando a Blackingham e o encontra em uma carruagem; quando vai negociar com o mestre das iluminuras o estado do enclausuramento; quando aparece na cela de Julian de Norwich e insinua que ela estava sendo influenciada por Wycliffe, questionando sua fidelidade e intimando-a a escrever um relatório explicando suas revelações e principalmente o que ela entendia por “Deus-Mãe”.

A personagem construída por Brenda Vantrease é egocêntrica, ambiciosa, arrogante, pretensiosa e repugnante. Despender se coloca muito acima dos outros e exibe seu poder e status não só através do vestuário, mas também pela forma como se dirige às pessoas, como as força beijar sua mão e a reverenciá-lo, como senta em uma cadeira grandiosa e alta, afirmando sua imponência.

De modo geral, a imagem que se constrói da Igreja e de seus membros em *O Mestre das Iluminuras* é absolutamente negativa e se dá na crítica à ostentação dos bens materiais, na venda de indulgências (remissão do castigo temporal devido ao cometimento de um pecado, cuja culpa já tenha sido perdoada, pela aplicação dos méritos de Cristo²⁰) e na prática da simonia (tráfico de coisas santas, como de sacramentos, etc, e de benefícios e dignidades eclesiásticos²¹) pelos padres da Igreja Católica, e em outros

²⁰Segundo o Dicionário da Idade Média organizado por Henry Royston Loyn (1989, p. 205), era comum o uso de indulgências a fim de angariar os fundos necessários para obras públicas, incluindo a construção de igrejas, a assistência aos enfermos e pobres, a conservação de estradas, a construção de pontes.

²¹A simonia constitui um dos vícios opostos à virtude da religião e consiste, segundo a definição dos teólogos, no propósito deliberado de comprar ou vender algo espiritual ou anexo ao espiritual. Conforme a Enciclopédia Brasileira Mérito (1964, p.311), o nome provém de Simão, o Mago, que procurou comprar dos Apóstolos certas graças espirituais, conforme vem narrado nos Atos dos Apóstolos. A Igreja estabeleceu para os simoníacos graves penas que

excessos por eles cometidos (como a luxúria e o abuso de poder).

Por outro lado, a autora apresenta em seu texto as contradições religiosas, as várias faces desse contexto complexo de pré-reforma luterana: Despenser, por exemplo, representa a hegemonia da Igreja Católica; Julian de Norwich escreve sobre o amor divino; Wycliffe é um protestante e questiona as práticas da Igreja; John Ball prega a luta armada.

A construção das entidades imigrantes que aparecem na narrativa de *O Mestre das Iluminuras* é fortalecida pelo cenário, pelo narrador, pelas personagens secundárias e por outras questões históricas que ajudam a contextualizar e a materializar a Idade Média, tais como: os impostos cobrados pelo Rei; as contribuições (dízimo, doações em troca de missas, do perdão do papa) para a Igreja; o Grande Cisma do Ocidente (uma cisão no interior da Igreja Católica que inicia em 1378 e termina em 1417); os lollardos; a peste bubônica²²; as línguas faladas pelo clero e pela nobreza e a língua falada pelos camponeses; a Revolta Camponesa. Essas questões são ilustradas na narrativa da seguinte forma: através da preocupação, do pensamento de uma personagem, do diálogo entre duas ou mais pessoas, das informações fornecidas pelo narrador.

Faz-se necessário ressaltar a preocupação da autora em mostrar como os fatos anteriormente apresentados se refletem na vida cotidiana das personagens, desde as mais nobre e poderosas, como Henry Despenser, os protagonistas Finn e Lady Kathryn, até as que pertencem a outras camadas sociais como os camponeses, os servos e criados e outros trabalhadores, como Magda, Joan, Agnes e Meio-Tom. Ou seja, nota-se um cuidado da ficcionista

podem ir até à excomunhão.

²²Que assolou a Europa durante o século XIV e dizimou milhões de pessoas.

em apontar que os eventos históricos e as decisões políticas afetam tanto a vida pública como privada.

Percebe-se, por exemplo, um interesse em apresentar as personagens pelas ações que desempenham em seu dia a dia: elas comem, jantam, esperam a criada cozinhar o almoço, bordam (Lady Kathryn, por exemplo) ou desenham (como Finn) para passar o tempo, compram instrumentos de trabalho (por exemplo, Finn) ou vendem cestos (como Meio-Tom) no mercado, oram, misturam cores e preparam as tintas (como Colin e Rose), têm relações sexuais, engravidam, dão à luz, amamentam (como é o caso da mãe de Magda), têm insônia, enxaqueca, ficam doentes, trabalham, reclamam, choram, sentem aflições, entre outros.

Ainda, a obra enfoca os problemas enfrentados pelas pessoas naquele momento, naquela região para discutir questões como: a relação entre servos e patrões, a questão da herança, a possibilidade do aborto, a castidade da mulher, o adultério, o estupro, a situação da mulher e dos judeus, a questão da aparência e da realidade (você fingir que sua situação financeira não se alterou, continuar a promover banquetes e a oferecer gratificações para os seus trabalhadores, ou aparentar uma religiosidade inexistente diante de sacerdotes), o medo da peste, a indignação com a alta cobrança da Igreja e do Rei e a discussão de uma revolta, o medo da força, etc.

Nesse sentido, pode-se pensar que no texto de Vantrease predomina a ênfase na história do cotidiano, que reconsidera o papel dos agentes sociais nas transformações históricas, visando uma reflexão sobre a atuação dos sujeitos nesse processo e uma revisão das concepções de tempo histórico.

Segundo Deusdedith Alves Rocha Junior (2004, p. 7), o cotidiano “poderia ser entendido como a raiz que sustenta tudo o que lhe

sobrepõe: relações de trabalho, decisões políticas e acontecimentos econômicos, partiriam da vida cotidiana, onde seriam engendrados e postos em funcionamento”.

Ao afirmar que a ordem do cotidiano está contida na história, o autor cita Agnes Heller que propõe que a vida cotidiana está no centro acontecer histórico, ou seja, ela é a “verdadeira essência da substância social” (HELLER apud ROCHA JUNIOR, 2004, p. 3). Sendo assim, entende-se que tanto as relações de trabalho, como os atos públicos, os acontecimentos econômicos, as decisões políticas, os discursos formadores de marcas identitárias, conforme explica Deusdedith Rocha Junior, partem da vida cotidiana, “ganham particularidade graças ao cotidiano, onde são gestadas e postas em funcionamento” (ROCHA JUNIOR, 2004, p. 3).

Isso fica nítido no romance *O Mestre das Iluminuras*, no qual Vantrease se apropria de acontecimentos históricos como o Cisma Papal e a Revolta Camponesa e desenvolve uma trama a partir de situações cotidianas, a partir da história de um mestre de iluminuras que conseguiu um trabalho e está à procura de uma moradia para ele e para a filha, uma viúva que tenta assegurar a herança de seus filhos e todas as pessoas que se envolvem direta ou indiretamente com esses protagonistas.

Ao final do romance, há uma parte intitulada “Nota da autora”, que afirma que “Esta é uma obra de ficção, mas os personagens do Bispo Henry Despenser, de JonhWycliffe, Julian de Norwich e John Ball são figuras históricas cujas vidas entrelacei com as de meus personagens ficcionais” (VANTREASE, 2006, p.423). A partir dessa afirmação a autora explica quem foram essas pessoas e por que elas são conhecidas na história. A edição original

(em inglês) apresenta, nas últimas páginas, uma entrevista com a autora²³ em que ela comenta o que a inspirou para escrever o romance; qual o desafio de se misturar fato e ficção; como se deu o processo de pesquisa; como seus trabalhos como professora e bibliotecária a influenciaram na escrita, etc.

A autora revela que ela começou a imaginar a trama de “O mestre das iluminuras” a partir de dois documentos: “Revelações do amor divino”, de Julian Norwich e o “Livro de Kells”, primeiro manuscrito com iluminuras com o qual Vantrease tomou contato. Em outra entrevista²⁴, a romancista ressalta a dificuldade em combinar as datas e as linhas do tempo de seus personagens ficcionais com os pontos de conflito na linha do tempo da história. Ela menciona que queria que sua história terminasse com a Revolta Camponesa de 1381 e que os acontecimentos das vidas dos seus personagens, os conflitos, sua história, tudo tinha que culminar no grande clímax, não podendo haver alteração na data. Por fim, ao descrever o trabalho de misturar história e ficção, Vantrease explica que é como pegar duas texturas, como seda e linho, e procurar tecê-las num todo que possua integridade e beleza.

Para construir sua história, Brenda Vantrease escolheu o precursor do protestantismo, um padre lollardo que representa a crítica radical à Igreja, uma anacoreta que propõe uma renovação da fé e um bispo que representa o lado putrefato e corrupto da poderosa Igreja Católica. O título da obra, *O Mestre das Iluminuras*, remete à arte de ilustração dos livros e manuscritos antigos que ficavam nas abadias, preparada a mão, aplicada às letras capitulares no início

²³A entrevista também está disponível no site “Reading GroupGuides”:

<<http://www.readinggroupguides.com/guides3/illuminator2.asp#interview>>. Acesso em: 12 ago. 2013.

²⁴Cedida ao site “Bookreporter.com”, do dia 16/03/2007. Disponível em:

<<http://www.bookreporter.com/authors/brenda-rickman-vantrease/news/interview-031507>>. Acesso em: 12 ago. 2013.

dos capítulos e esse ofício era muito importante no contexto da arte medieval. O aprofundamento das questões religiosas dá-se a partir da dimensão do cotidiano e da dimensão social, pois há um retrato das várias camadas da sociedade inglesa medieval, das várias posturas ideológicas.

Ao problematizar essas questões de cunho religioso, a ficcionista parece indicar possibilidades de espiritualidade, mudanças sociais na Inglaterra e uma tendência religiosa que está se constituindo. Não é por acaso que sua história emblematicamente inicia pouco depois de ter ocorrido o Cisma do Ocidente e culmina na insurreição popular. A urdidura destas visões se estabelece através da escrita, do poder da palavra que se dissemina e dá acesso a novas interpretações, iluminando novos olhares.

Referências

ANDERSON, P. Trajetos de uma forma literária. In: **Novos estudos**. São Paulo: Cebrap, n. 77, mar. p. 205-220, 2007.

BAUGH, A. C (ed). **A Literary History of England: The Middle Ages**. Vol 1. 2nd edition. London: Routledge& Kegan Paul LTD, 1967.

BENTO XVI. **Sobre Santa Juliana de Norwich**. Cidade do Vaticano: 1º de dezembro de 2010. Disponível em:

<<http://www.derradeirasgracas.com/3.%20Papa%20Bento%20XVI/Catequese%20do%20Papa%20Bento%20XVI%20Sobre%20Santa%20Juliana%20de%20Norwich..htm>>. Acesso em: 26 ago. 2013.

BOOKREPORTER. **Interview: March** 16, 2007 – Brenda Vantrease.

Disponível em: <<http://www.bookreporter.com/authors/brenda-rickman-vantrease/news/interview-031507>>. Acesso em: 18 ago. 2013.

CORREIA, O. John Wycliffe, primeiro a traduzir a Bíblia para o inglês. Letters

Vitae: 16 de junho de 2011. Disponível em:

<<http://www.lettersvitae.com/wordpress/?p=793>>. Acesso em: 26 ago. 2013.

DESPENSER Retable. Disponível em:

<<http://www.cathedral.org.uk/historyheritage/art---collections-art-treasures-and-despenser-retable.aspx>>. Acesso em: 26 ago. 2013.

FLORES, J. S. **Maternidade de Deus** em Juliana de Norwich. 79 f.

Dissertação (Mestrado em Teologia) - Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013. Disponível em: <http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=4596>. Acesso em: 26 ago. 2013.

HENRY Despenser. Disponível em:

<<http://www.cathedral.org.uk/historyheritage/historical-characters-linked-in-people-s-minds-eg-dame-julian--sir-thomas-erpingham--edith-cavell-and-2.aspx>>. Acesso em: 26 ago. 2013.

HISTORICAL Novels. Disponível em:

<<http://www.historicalnovels.info/Fourteenth-Fifteenth-Centuries.html>>.

Acesso em: 18 ago. 2013.

INDULGÊNCIAS. In: LOYN, H. R. **Dicionário da Idade Média**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 205, 1989.

INTERVIEW with Brenda Vantrease. Disponível em:

<<http://www.readinggroupguides.com/guides3/illuminator2.asp#interview>>

Acesso em: 16 ago. 2013.

JAMESON, F. **O romance histórico ainda é possível?** In: Novos estudos. São Paulo: Cebrap, n. 77, p. 185-203, mar. 2007.

JOHN Ball. Disponível em: <<http://www.shakespeareandhistory.com/john-ball.php>>. Acesso em: 26 ago. 2013.

JOHN Ball biography. Disponível em:

<<http://www.spartacus.schoolnet.co.uk/YALDballJ2.htm>>. Acesso em: 26 ago. 2013.

LOLARDOS. In: LOYN, H. R. **Dicionário da Idade Média**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 240, 1989.

MEDIEVAL **HistoricalNovels**. Disponível em:

<<http://medievalnews.blogspot.com.br/2013/08/technology-fit-for-king.html>>. Acesso em: 18 ago. 2013.

MORALES, E. V. **História do Cotidiano e Ensino de História**. Disponível em:

<http://www.uel.br/eventos/sepech/sumarios/temas/historia_do_cotidiano_e_ensino_de_historia.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2013.

MIGNOLO, W. **Lógica das diferenças e Política das semelhanças- da literatura que parece história ou antropologia, e vice-versa**. In: CHIAPPINI, L; AGUIAR, F. W. **Literatura e História na América Latina**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, p.115-137, 1993.

NAVARRO, R. **O que foi a guerra dos cem anos?** Mundo Estranho. Ed. 10, dez/2012. Disponível em: <<http://mundoestranho.abril.com.br/materia/o-que-foi-a-guerra-dos-cem-anos>>. Acesso em: 26 ago. 2013.

REVOLTA Camponesa (1381). In: LOYN, H. R. **Dicionário da Idade Média**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 68, 1989.

RIBEIRO E SILVA, G. Juliana de Norwich (1342-1421). *Blog Coração Místico*. 13 de dezembro de 2007. Disponível em:

<<http://coracaomistico.blogspot.com.br/2007/12/juliana-de-norwich.html>> Acesso em: 26 ago. 2013.

ROCHA JUNIOR, D. **O território do cotidiano**. Universidade de Brasília,

2004. Disponível em:

<<http://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/index.php/pade/article/viewFile/130/119>>. Acesso em: 27 ago. 2013.

SIMONIA. In: **ENCICLOPÉDIA Brasileira Mérito**. São Paulo: Editora Mérito, 1964.v.18, p.311.

SOUSA, R. **Guerra dos Cem Anos**. Disponível em:

<<http://www.brasilecola.com/historiag/guerra-cem-anos.htm>>. Acesso em: 26 ago. 2013.

SZARMACH, P. E.; TAVORMINA, M. T.; ROSENTHAL, J.T. (ed). **Medieval England: an encyclopedia**. New York: Garland Publishing Inc, 1998.

VANTREASE, B. R. **O Mestre das Iluminuras** – amor, traição, arte e religião no século XIV. Tradução de Maria Luiza Newlands da Silveira. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

VANTREASE, B. R. **The Illuminator**. New York: Saint Martin's Griffin, 2006.

WEBER, Jorge. **História universal: Idade Média**. Lisboa: Empresa Literária. v. 2, p.248-250, 1888.

WEINHARDT, M. **O Romance Histórico na Ficção Brasileira Recente**. In: CONÊA, R. H. M. *Nem Fruta nem Flor*. Londrina: Edições Humanidades, p. 131-171, 2006.

WILSON, J. L. John Wycliffe: Patriot and reformer, “**The morning star of the reformation**”. Disponível em:

<http://lollardsociety.org/pdfs/Wilson_WycliffePatriotReformer.pdf>.

Acesso em: 27 ago. 2013.